

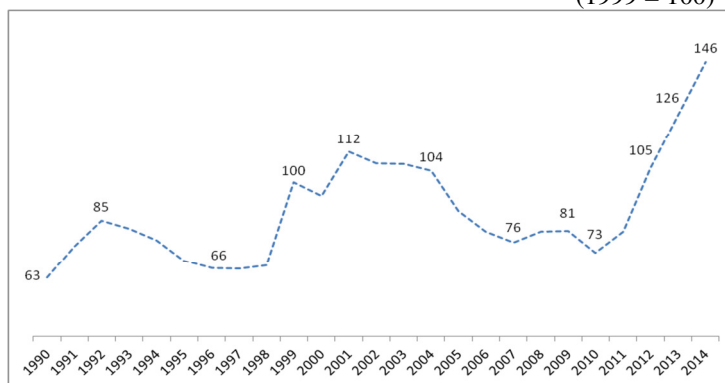
## Os inimigos do povo

José Tavares de Araujo Jr.  
 Setembro de 2015<sup>1</sup>

Nos últimos meses, diversos empresários, consultores e analistas passaram a defender a tese de que a crise provocada pelo primeiro governo Dilma contém, pelo menos, um aspecto positivo, que é o de ter acelerado o processo de desvalorização da taxa de câmbio. O Real mais barato deverá estimular a indústria manufatureira através do crescimento das exportações. Mas, essa expectativa não encontra amparo nos indicadores econômicos: de fato, como registra o Gráfico 1, entre 2010 e 2014, a taxa de câmbio efetiva real da moeda brasileira sofreu uma desvalorização de 100%; todavia, o Gráfico 2 mostra que o impacto sobre o desempenho exportador foi virtualmente nulo nesse período.

**Gráfico 1**  
**Taxa de Câmbio Efetiva Real**

(1999 = 100)



Fonte: [www.ipeadata.gov.br](http://www.ipeadata.gov.br)

**Gráfico 2**  
**Exportações Brasileiras Segundo Classes de Produtos**  
 (US\$ Bilhões)



Fonte: [www.mdic.gov.br](http://www.mdic.gov.br)

<sup>1</sup> Diretor do Centro de Estudos de Integração e Desenvolvimento .

Na verdade, comparando-se os dois gráficos, não é possível identificar, nos últimos 25 anos, qualquer influência da taxa de câmbio no comportamento das exportações industriais. Entre 1992 e 1998, a moeda doméstica estava apreciada e as exportações cresciam num ritmo apenas modesto. Entre 1999 e 2002, não obstante os dois picos de desvalorização, o desempenho exportador foi similar ao do período anterior. Durante o boom das commodities, entre 2003 e 2008, o ritmo intenso de apreciação cambial coincidiu com o momento de auge das exportações de manufaturas, que saltaram de U\$ 33 bilhões para U\$ 93 bilhões. Como dizia o presidente Lula, nunca antes se havia visto algo similar na história econômica do país.

Na literatura sobre os padrões de comércio gerados pela revolução nas tecnologias da informação, são abundantes os argumentos que demonstram a irrelevância da taxa de câmbio para explicar o desempenho industrial das economias contemporâneas. As variáveis que importa examinar dizem respeito a economias de escala, capacidade inovadora das firmas domésticas, barreiras à entrada nos distintos mercados, custos de transação, a natureza dos incentivos concedidos pelo governo e o perfil das instituições nacionais. Uma resenha acurada desta literatura encontra-se no livro de Elhanan Helpman, *Understanding Global Trade* (Harvard University Press, 2011).

Uma ilustração do poder analítico dos argumentos acima é a evolução da China na última década. Desde sua entrada na Organização Mundial do Comércio (OMC) em 2001, uma das prioridades nacionais tem sido a transformação gradual do Renminbi em moeda conversível. A rigor, esse processo iniciou-se em 1996, quando o governo chinês aderiu às normas do artigo VIII dos estatutos do Fundo Monetário Internacional (FMI), e será concluído formalmente em breve, quando o Renminbi passar a integrar os *Direitos Especiais de Saque* (DES), a moeda escritural do FMI. Mas, na prática, a moeda chinesa já é conversível, como atesta sua crescente participação nas transações mundiais.

Em virtude da flexibilização das normas cambiais, o ritmo de apreciação do Renminbi tornou-se acelerado. Segundo o *Bank of International Settlements* (BIS), a taxa de câmbio efetiva real da moeda chinesa valorizou-se 43% entre 2005 e 2013.

Recentemente, perguntei a um economista chinês se ele não estaria preocupado com a provável continuidade dessa tendência nos próximos anos, e obtive a seguinte resposta: “*Não. Este fenômeno inaugurou uma fase promissora. Renminbi significa moeda do povo, e para justificar esse nome, precisa ser forte, porque assim irá beneficiar o país de várias formas, ao elevar os salários reais e o poder de compra da população, ao mesmo tempo em que barateia as importações e facilita a internacionalização das firmas chinesas. Além disso, a apreciação cambial obriga o governo a reestruturar aquelas indústrias que não conseguem enfrentar a concorrência das importações.*”

O último *Trade Policy Review* (TPR) da OMC sobre a China confirma a visão do meu interlocutor, e descreve as medidas que estão sendo tomadas para lidar com a apreciação cambial. Em 2013, por exemplo, o governo fixou metas de reestruturação em nove indústrias: automobilística, siderurgia, cimento, alumínio, construção naval, terras raras, informática, farmacêutica e agroindústria. (TPR, 2014, p. 44) Em todos os ramos, o objetivo comum é alcançar configurações setoriais equivalentes aos padrões mundiais de excelência tecnológica.

No Brasil, entretanto, a visão mais difundida é a antítese daquela que surgiu na China a partir de 2005. Apreciação cambial que vigorou aqui na década passada apenas promovia desindustrialização, e agora nos livramos dela. As cotações do Real desde 2012, as mais baixas nos últimos 25 anos, são comemoradas não só porque protegem a indústria doméstica, mas também por seus efeitos sociais perversos. Há poucos dias, ouvi o seguinte comentário num evento social: *“Viajar ficou mais caro, mas, em compensação, não iremos mais esbarrar em brasileiro pobre no exterior.”*